

cervical inicial (C3 e C4) em um cão da raça Buldogue francês. **Relato de caso:** Um cão, macho, da raça Buldogue francês, com dois anos e meio de idade, foi atendido com histórico de problemas dermatológicos e tosse seguida de vômito. O animal foi encaminhado para realização de exames radiográficos de tórax e região cervical, para avaliação do sistema respiratório. Incidentalmente, no exame radiográfico, foram visibilizadas múltiplas vértebras torácicas com defeitos congênitos e duas vértebras cervicais com formato anormal, sendo que a C3 tinha o aspecto encurtado na projeção lateral e com aplasia lateral direita na projeção ventrodorsal, e C4 apresentava a placa terminal angulada no sentido craniolateral direito a caudolateral esquerdo na projeção ventrodorsal. Ao exame clínico, o paciente não apresentava sinais neurológicos. **Discussão e conclusão:** Os exames radiográficos simples permitem a detecção de anomalias na coluna vertebral, que muitas vezes são achados incidentais devido à frequente ausência de sinais clínicos. Em alguns casos, porém, ocorre a compressão medular que determina o estabelecimento de quadros neurológicos. A localização cervical é de baixa frequência na raça Buldogue francês.

33. HÉRNIA PERINEAL EM FÊMEA CANINA COM ENVOLVIMENTO UTERINO E PIOMETRA: RELATO DE CASO

Perineal hernia in a bitch associated with uterus and pyometra: case report

JARRETA, G. B.; NORONHA, N. P.; MARQUES, L.; PEREIRA, L.

E-mail: georgea@jarretta.com

Introdução: Hérnias perineais resultam do enfraquecimento e separação dos músculos que formam o diafragma pélvico, promovendo deslocamento caudal de órgãos abdominais ou pélvicos no períneo. Na espécie canina, as hérnias perineais acometem mais frequentemente os machos intactos, ocorrendo raramente em fêmeas. A causa da fraqueza muscular é desconhecida, mas alguns fatores aventados são, atrofia muscular senil, hiperplasia prostática e constipação crônica. Os raros casos que acometem as fêmeas tendem a estar associados à tosse crônica ou trauma pélvico prévio, onde pode ocorrer a retroflexão da bexiga. O diagnóstico é baseado no exame físico e exames de imagem, com a radiografia e a ultrassonografia. Este trabalho relata um caso de hérnia perineal em fêmea canina, com presença de útero

comprometido por piometra como conteúdo herniário. **Relato de caso:** Uma cadela, Pinscher, não castrada, de 15 anos de idade, foi encaminhada com queixa de prostração, inapetência, vômito e secreção vaginal. Ao exame físico, as mucosas estavam hipocoradas e o animal apresentava sensibilidade abdominal e aumento de volume em região perineal esquerda. O hemograma apresentou leucocitose com desvio à esquerda. O exame ultrassonográfico abdominal revelou discreto aumento de corno uterino direito, com presença de estruturas císticas entremeadas à sua parede, e aumento de volume em região perineal esquerda, com presença de uma estrutura tubular de paredes ecogênicas e conteúdo hipoanecogênico luminal (podendo sugerir corno uterino esquerdo como conteúdo herniário). O animal foi encaminhado para a cirurgia e foi realizada a ovariohisterectomia, na qual foi confirmada a piometra, e em seguida foi efetuada a herniorrafia perineal. Na consulta de retorno para retirada dos pontos, o animal apresentou evidente melhora do quadro clínico e recebeu a alta.

Discussão e conclusão: As hérnias perineais ocorrem por uma frouxidão dos músculos que compõem o diafragma pélvico, o que pode estar relacionado à senilidade, fator que pode ter influenciado sua ocorrência na paciente relatada. Neste caso não foram observados os sinais representados por tosse crônica ou trauma pélvico. Casos já relatados têm associado a hérnia perineal em cadelas com retroflexão da bexiga. Contudo, a paciente relatada neste estudo demonstrou a presença de corno uterino com conteúdo líquido em saco herniário, sem a retroflexão da bexiga. Portanto, este relato demonstra que, apesar da afecção ser muito rara em fêmeas caninas, ela deve ser considerada em pacientes com aumento de volume na região perineal.

34. HIPEROSTOSE ESQUELÉTICA IDIOPÁTICA DIFUSA CANINA: RELATO DE CASO

Canine diffuse idiopathic skeletal hyperostosis: case report

SAMPAIO, L. M.; GOMES, C. A. R.; ANACLETO, T. P.; AKAMATSU, A.

E-mail: caiqueargomes@gmail.com

Introdução: A hiperostose esquelética idiopática difusa (HEID) é um distúrbio esquelético sistêmico caracterizado por ossificação massiva progressiva dos tecidos moles envolventes dos esqueletos axial e apendicular. A doença afeta prevalentemente o

ligamento longitudinal ventral, gerando fusão dos segmentos vertebrais em que é acometido e as enteses dos tendões e ligamentos do esqueleto apendicular. Os portadores da HEID frequentemente apresentam lombalgia associada à rigidez e restrição de movimento da coluna vertebral, na região afetada. Radiograficamente, a doença é caracterizada pela extensiva ossificação linear ao longo do aspecto ventrolateral da coluna vertebral. O tratamento geralmente é conservador, consistindo na modificação da atividade física, fisioterapia, perda de peso e terapia anti-inflamatória e analgésica. Este trabalho relata um caso de hiperostose esquelética idiopática difusa em um cão, cujo diagnóstico foi obtido por meio de radiografia convencional. **Relato de caso:** Foi atendido um cão, fêmea, sem raça definida (SRD), com sete anos de idade e 4,6kg de peso vivo, apresentando dificuldade deambulatoria e lombalgia. Ao exame físico foram observadas hiperflexão dos membros pélvicos e crepitação das articulações escapuloumerais, femorotibiopatulares e dos tarsos. Foi realizado o exame radiográfico da coluna toracolombar, da região coxofemoral e das articulações escapuloumerais, femorotibiopatulares e dos tarsos. Os achados consistiram em proliferação óssea linear ao longo do aspecto ventral da coluna toracolombar formando vértebras em bloco; nas articulações femorotibiopatulares e escapuloumerais foi observada uma entesofitose periarticular e nas articulações dos tarsos uma entesofitose dos tendões calcaneares com ossificação da porção distal dos tendões. Os achados foram sugestivos de hiperostose esquelética idiopática difusa. A paciente foi submetida à terapia à base de acupuntura e fisioterapia, havendo melhora na dor e deambulação. **Discussão e conclusão:** A distinção entre a HEID e a espondilose anquilosante grave é difícil, pois existe semelhança entre as pontes de ossificação vertebrais presentes em ambas. A neoformação óssea presente na HEID consiste em um processo de entesofitose do ligamento longitudinal ventral em todo plano ventral de pelo menos três corpos vertebrais contíguos, já na espondilose anquilosante a neoformação óssea consiste em um processo de osteofitose originário da região terminal ventral do corpo vertebral e, desta forma, o processo de ossificação e anquilose se limita à junção do disco intervertebral, podendo inclusive causar sua degeneração, diferentemente da HEID em que os discos intervertebrais se apresentam preservados. A HEID é uma doença rara, que devido à ossificação massiva, ocasiona quadros de dor e dificuldade

deambulatoria. A radiografia possibilita o estabelecimento do diagnóstico, e a fisioterapia associada à acupuntura garante a melhora da dor e da qualidade de vida dos pacientes.

35. HISTEROCELE INGUINAL CONCOMITANTE COM PARASITISMO INTRAUTERINO POR *DICTOPHYMA RENALE*

Concomitant inguinal hysterocele with intrauterine dictophyma renale parasitism

MATTEI, D. R.; BORGES, F. A.; OLIVEIRA, J. M. O.; SOUZA, M. L.; BERGAMO, F. M. M.; SILVA, E. U.
E-mail: douglasrodrigomattei@gmail.com

Introdução: A partir do momento em que os serviços de ultrassonografia passaram a ser aplicados na clínica veterinária, o diagnóstico ultrassonográfico de *Dioctophyma renale* tem se tornado mais frequente. O órgão preferencialmente parasitado é o rim direito, e o tratamento efetuado é a nefrectomia unilateral. As localizações menos usuais do parasita podem ser: rim esquerdo, cavidade abdominal, ureteres; e tecido subcutâneo. O parasitismo em cães costuma ser subclínico quando apenas um rim é acometido, porém já foi relatada a peritonite, na qual o parasita é observado livre na cavidade abdominal. Os sinais clínicos que podem ser observados incluem: mucosas hipocoradas, hipertermia, desidratação, poliúria, polidipsia e hematuria. Cães errantes com acesso à rua, ou residentes em áreas de risco (margens de rios e lagos) estão mais susceptíveis à dictofimose.

Relato de caso: Uma cadela, sem raça definida, adulta, residente na área urbana, foi atendida apresentando um aumento de volume inguinal direito que, à palpação, apresentava textura macia sem reação dolorosa. Os parâmetros clínicos e físicos do animal eram normais. Sob suspeita de neoplasia mamária e diferencial para hérnia inguinal, foi realizada ultrassonografia, que revelou a presença de órgão tubular de aproximadamente 0,9cm de diâmetro, parede com superfície interna irregular, conteúdo luminal anecoico e presença de ao menos duas estruturas tubulares, hipoeóicas de contornos hipereóicos, medindo 0,18cm de diâmetro. O corno uterino esquerdo era típico, medindo 1,9cm de diâmetro, com superfície endometrial irregular. Com diagnóstico de hiperplasia endometrial e histerocele inguinal, a paciente foi submetida a ovariosalpingohisterectomia, e a exposição da mucosa uterina revelou três parasitas identificados como formas jovens de *D. renale*.